

Jornalismo científico e comunicação pública – análise dos primeiros resultados de um projeto desenvolvido na Universidade Federal de Santa Catarina¹

Tattiana TEIXEIRA²
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

Nas últimas décadas, a cobertura de temas ligados a CT&I se destacou como uma das prioridades da política de comunicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em 2014, a Pró-Reitoria de Pesquisa (Propesq) e a Diretoria-Geral de Comunicação (DGC) da UFSC iniciaram um projeto conjunto de estímulo à Divulgação Científica. Em sua primeira etapa, a iniciativa visa fortalecer a produção regular de reportagens sobre pesquisas desenvolvidas na Universidade e estimular o interesse por Jornalismo Científico. Entre os resultados alcançados destacam-se: (1) a repercussão das reportagens nas redes sociais (em especial no Facebook) e na imprensa local e (2) o crescimento tanto do conhecimento como do interesse dos estagiários envolvidos pelo Jornalismo Científico como campo de atuação profissional.

Palavras-chave

Jornalismo; jornalismo científico; divulgação científica; comunicação pública; cidadania

Introdução

A cobertura de temas relacionados a ciência, tecnologia e inovação faz parte da política de comunicação da Universidade Federal de Santa Catarina desde os anos 80, pelo menos. Como consequência do trabalho desenvolvido nesta área, em 1993, a Agência de Comunicação (Agecom) da UFSC ganhou o Prêmio José Reis de Divulgação Científica, na categoria “Instituição e veículo de Comunicação”. De lá para cá, jornalistas que atuaram no setor ganharam prêmios e reportagens sobre as pesquisas desenvolvidas na Universidade foram destaque na imprensa regional e nacional, ajudando a consolidar a imagem da

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista. Doutora em Comunicação (UFBA). Bolsista de Produtividade do CNPq. Diretora-Geral de Comunicação da Universidade Federal de Santa Catarina. Professora do Departamento de Jornalismo da UFSC e Coordenadora do Nupejoc – Núcleo de Pesquisa em Jornalismo Científico, Infografia e Visualização de Dados. Email: tattiana.teixeira@ufsc.br

instituição como de excelência em diferentes áreas do conhecimento³. O projeto de estímulo à Divulgação Científica⁴ que é objeto de análise do presente trabalho, portanto, se desenvolve em um ambiente marcado por este histórico e tem como dois de seus objetivos fortalecer a produção regular de reportagens sobre pesquisas realizadas na Universidade Federal de Santa Catarina e, ao mesmo tempo, incentivar o interesse pela área de Jornalismo Científico.

Criado a partir de uma parceria entre a Pró-Reitoria de Pesquisa (Propesq) e a Diretoria-Geral de Comunicação (DGC) da UFSC, o projeto ora referido divide-se em diferentes etapas e a primeira delas começou a ser implementada em 2014, envolvendo além dos profissionais que atuam na Agecom⁵, quatro bolsistas e dois professores do curso de graduação em Jornalismo da Universidade. Os trabalhos são desenvolvidos a partir de alguns pressupostos amplamente debatidos na área. De acordo com Calvo Hernando (1997:227), “uno de los objetivos primordiales del periodismo científico es crear una consciencia pública sobre el valor de la ciencia al servicio del desarrollo y de la comprensión entre las distintas formas culturales”. Já Oliveira (2002:54), defende que “(...) os órgãos governamentais, os institutos de pesquisa, as universidades e a comunidade científica são o ponto de partida para incentivar a divulgação de C&T no país de maneira contínua e eficaz”. Ao buscar a um só tempo investir em reportagens sobre estes temas e adotar mecanismos para amplificar o seu alcance, visamos, de certo modo, atender a essas duas perspectivas, em consonância com o próprio histórico da instituição.

Pode-se dizer que, na atualidade, vivemos em um contexto no qual o interesse em temas de ciência, tecnologia e inovação tem levando a experiências singulares, inclusive em redes sociais. Fenômenos como Elise Andrew, bióloga inglesa responsável pela página IFLS (*Fucking Love Science*) criada por ela no Facebook em março de 2012 e que já tem mais de

³ O jornalista Moacir Loth – que atuou na UFSC durante 36 anos, a maior parte deles como gestor da área de Comunicação - em artigo de 2008 descreve um conjunto de iniciativas da área de jornalismo científico implementadas ou incentivadas pela Agecom/UFSC, entre eles o Guia de Fontes para Jornalistas que se tornou uma referência. No mesmo artigo, Loth – que fez parte da diretoria da Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC) - defende que “através do jornalismo científico e da divulgação científica, podemos ajudar a transformar o Brasil, tornando-o mais justo, menos desigual e mais independente”.

⁴ Aqui adotaremos a definição de Wilson Bueno que compreende a divulgação científica como a “[...] utilização de recursos, técnicas, processos e produtos (veículos ou canais) para a veiculação de informações científicas, tecnológicas ou associadas a inovações ao público leigo”. (BUENO, 2009, p.162).

⁵ Criada em novembro de 2013, a Diretoria-Geral de Comunicação (DGC) atua nas áreas de Jornalismo, Relações Públicas, Design e Identidade Visual, Fotografia e Comunicação Educativa. A esse setor estão vinculadas a TV UFSC e a AGECOM.

21 milhões de “curtidas”, são um dos resultados do que a web pode fazer para popularizar a ciência entre diferentes camadas da população. No Brasil, a recém divulgada pesquisa sobre Percepção Pública de Ciência – que teve como público-alvo a população brasileira adulta com idade superior a 16 anos – é um indicador importante deste interesse. De acordo com o levantamento, 61% dos brasileiros dizem ser interessados ou muito interessados em C&T. O interesse por temas como Meio Ambiente e Medicina e Saúde chega a 78%. Para que se tenha ideia do que isto significa, 27% dos entrevistados disseram ter interesse ou muito interesse em Política e 56% em Esportes.

Números como estes devem ser analisados com atenção, inclusive, por quem está à frente de instituições que produzem ciência, em especial os órgãos públicos. Isto porque se espera que estas instituições “prestem” contas à sociedade de suas ações e iniciativas. Neste contexto, a divulgação para o público não-especializado dos resultados de pesquisas desenvolvidas, na maior parte das vezes, com recursos públicos, tende a cumprir também este papel, além, é claro, de contribuir para a própria construção da cidadania, como apontam diversos autores como Oliveira (2002), Calvo Hernando (1997), Burkett (1990) e Caldas (2009). Brandão (2012:4) destaca que “a produção e a difusão do conhecimento científico incorporaram preocupações sociais, políticas, econômicas e corporativas que ultrapassam os limites da ciência pura e que obrigam as instituições de pesquisa a estender a divulgação científica além do círculo de seus pares”. A autora afirma, ainda, ao discutir o conceito de comunicação pública, que a responsabilidade dos profissionais que fazem divulgação científica cresce à medida que seu trabalho está submetido “à noção de compromisso público e de prestação de contas à população” (2012:4).

Não deixa de ser curioso observar, portanto, dois dados da pesquisa anteriormente citada. O primeiro é o fato de 87, 2% dos entrevistados não se lembrarem de alguma instituição que faça pesquisa no país e que, entre os que lembraram (12,4%), apenas quatro universidades serem nomeadas, ainda assim, com índices muito baixos, a saber, USP (10,2%), UFMG (3,7%), Unicamp (2,5%) e UFRJ (2,5%). O segundo, é que 78,1% dos entrevistados indicaram que o Governo deveria aumentar os investimentos em investigação científica e tecnológica nos próximos anos, índice muito superior àquele registrado em países como Estados Unidos (39%), Argentina (63%) e França (39%), por exemplo. Estes dados ajudam, em uma primeira análise, a compreender porque é necessário incrementar as estratégias de divulgação científica, estar mais próximo da população para que ela saiba o que ocorre para

além dos muros de instituições como as universidades, centros por excelência da produção científica nacional, pois há, além do desconhecimento, o interesse no desenvolvimento da pesquisa no país.

Estes são alguns dos pressupostos que serão utilizados para proceder à análise crítica da experiência desenvolvida na UFSC. Para este *paper*, ela será realizada a partir das perspectivas da (1) produção e (2) repercussão. Tal opção baseia-se, ainda que de forma tangencial, em Alsina quando este afirma que:

No estudo desse fazer comunicativo do discurso jornalístico informativo, precisamos levar em conta que nos encontramos diante de um discurso social, e como tal, está inserido num sistema produtivo. Esse sistema produtivo tem suas próprias características que devem ser estudadas. Mas temos que lembrar que a construção da notícia é um processo de três fases: a produção, a circulação e o consumo (ALSINA, 2009:10)

Para construir o corpus de análise foram selecionadas notícias e reportagens publicadas entre agosto de 2014 e julho de 2015; aplicados questionários aos bolsistas que atuam no projeto desde o seu início e tabulados dados oriundos do monitoramento de redes sociais.

Produção

Entre agosto de 2014 e julho de 2015, como resultado direto das ações da experiência aqui analisada, foram publicados no site da UFSC 23 textos, entre eles 16 reportagens⁶, cujos links foram enviados à comunidade universitária através de dois boletins eletrônicos – o *Divulga* (diário) e o *Divulga Ciência* (mensal). Cabe destacar que a opção por priorizar este formato do gênero informativo deu-se porque ele permite o aprofundamento dos temas propostos, algo fundamental quando se trata do jornalismo científico. Como defende Calvo Hernando:

la difusión de la ciencia encuentra en la reportaje un instrumento decisivo para hacer llegar al público el conocimiento. En el reportaje se pretende profundizar en las causas, los antecedentes y las posibles consecuencias de un hecho o de una situación, y también analizar los detalles hasta el máximo posible, presentar la personalidad de los protagonistas, recrear la circunstancias y el ambiente en que

⁶ Reforçamos que estes números referem-se exclusivamente aos textos publicados como resultado do projeto e não à publicação total de notícias e reportagens sobre temas relacionados a Ciência, Tecnologia e Inovação no site da UFSC no período.

se han producido los hechos, contextualizar una noticia.(HERNANDO,1997:133)

A produção de cada um dos textos – orientada por profissionais da área - seguiu parâmetros previamente acordados que começavam com a construção da pauta em profundidade, isto é, a pauta tornou-se o processo efetivo de pré-apuração, requerendo a pesquisa e a leitura de documentos como teses, dissertações, TCCs e relatórios. Destaque-se que, antes do início dos trabalhos, ainda em 2014, os bolsistas participaram de reuniões de orientação com dois professores do curso de Jornalismo da UFSC nas quais discutiram desde o conceito de jornalismo científico até as suas especificidades, além de noções básicas sobre ciência, tecnologia e inovação. A partir daí, começaram suas atividades. Desde o começo, foram evitadas pautas sobre pesquisas em estágios iniciais e sem resultados efetivos que já pudessem ser comprovados. A maior parte das pautas aprovadas foi proposta pelos próprios estudantes que usaram como fonte principal para este trabalho preliminar as bases de dados disponíveis na Universidade. Sempre que possível, o autor da pauta não a cobriu, permitindo ao menos dois olhares diferentes sobre o mesmo tema e, também, uma parceria contínua entre pauteiro e repórter durante o processo de produção. Se por um lado, estes procedimentos fizeram com que os processos produtivos se tornassem mais lentos, por outro, acreditamos que permitiram reduzir os ruídos com os pesquisadores e, inclusive, as queixas sobre eventuais erros nos textos publicados. Para a produção das matérias foram realizadas mais de 30 entrevistas e consultadas pelo menos 30 fontes documentais, como teses e relatórios produzidos por órgãos públicos⁷.

Um dos desafios propostos aos bolsistas foi localizar estudos e pesquisas em diferentes áreas do conhecimento, mas esta foi uma das maiores dificuldades enfrentadas, especialmente no início das atividades. Não por um acaso, nove pautas eram sobre temas direta ou indiretamente relacionados a Saúde e cinco às Engenharias, como pode ser observado na tabela abaixo:

Título	Área
• <i>TCC de aluna da UFSC ganha prêmio do Instituto Pan-Americano de Engenharia Naval</i>	Engenharia

⁷ Levantamento realizado pelo bolsista Luan Martendal.

<ul style="list-style-type: none"> • <u>Filmes legendados contribuem para melhora em desempenho de leitura</u> 	Letras
<ul style="list-style-type: none"> • <u>Pesquisa estuda dano à saúde por contato com cédulas monetárias com presença de cocaína</u> 	Exatas/Química (saúde)
<ul style="list-style-type: none"> • <u>Pesquisadora da UFSC desenvolve novo pão sem glúten</u> 	Agrárias/Nutrição (saúde)
<ul style="list-style-type: none"> • <u>Aumento no consumo de bebidas açucaradas pode estar associado a 'bullying' em meninos</u> 	Saúde/Nutrição
<ul style="list-style-type: none"> • <u>Presença feminina em pesquisas da UFSC cresce e traz prêmios à Universidade</u> 	Não se aplica
<ul style="list-style-type: none"> • <u>Pesquisa utiliza resíduos de papel para produção de azulejos</u> 	Engenharia
<ul style="list-style-type: none"> • <u>Pesquisa aponta risco cardíaco em crianças e adolescentes portadores de HIV</u> 	Saúde/Medicina
<ul style="list-style-type: none"> • <u>Urina sem antibióticos como alternativa para fertilizantes</u> 	Engenharia/Meio Ambiente
<ul style="list-style-type: none"> • <u>SIC 2014: estudo analisa mulheres indígenas em movimentos sociais</u> 	Humanas
<ul style="list-style-type: none"> • <u>Pesquisadora avalia sobrepeso em técnicos-administrativos da UFSC</u> 	Saúde
<ul style="list-style-type: none"> • <u>SIC 2014: Departamento de Arquitetura e Urbanismo realiza projeto para uma sociedade mais sustentável</u> 	Sociais Aplicadas/ Arquitetura
<ul style="list-style-type: none"> • <u>SIC 2014: pesquisadora cria aplicativo que ajuda no ensino de Física</u> 	Exatas/ Computação
<ul style="list-style-type: none"> • <u>SIC 2014: aluno de Engenharia Civil apresenta pesquisa sobre aproveitamento de água da chuva</u> 	Engenharia
<ul style="list-style-type: none"> • <u>SIC 2014: Engenharia de Alimentos estuda fungo que cresce em suco de maçã</u> 	Engenharia
<ul style="list-style-type: none"> • <u>Autonomia motiva alunos no aprendizado de Física</u> 	Educação/Exatas/Interdisciplinar
<ul style="list-style-type: none"> • <u>SIC 2014: pesquisa analisa carência nutricional após cirurgias bariátricas em pacientes obesos mórbidos</u> 	Saúde

<ul style="list-style-type: none"> • <u><i>SIC 2014: Pesquisa analisa impacto de exercícios na prevenção da esclerose múltipla</i></u> 	Saúde
<ul style="list-style-type: none"> • <u><i>Estudo mostra diferenças entre meninos e meninas na prática de 'bullying'</i></u> 	Humanas/Psicologia
<ul style="list-style-type: none"> • <u><i>Pesquisa mostra que vulnerabilidade marinha independe de diversidade de peixes</i></u> 	Biológicas
<ul style="list-style-type: none"> • <u><i>Pesquisa analisa relação entre discriminação e transtorno mental</i></u> 	Saúde
<ul style="list-style-type: none"> • <u><i>Pesquisa estuda própolis de abelhas sem ferrão no tratamento do melanoma</i></u> 	Saúde
<ul style="list-style-type: none"> • <u><i>Produto regional melhora qualidade nutritiva de alimentação bovina</i></u> 	Agrárias

Tabela 01: Relação de Notícias, Reportagens e Áreas de Conhecimento

Cada texto, até ser publicado, foi revisado e editado por profissionais da Agecom e pela supervisora do projeto, em um processo acompanhado integralmente pelos bolsistas. Em alguns casos, as reportagens tiveram de ser reescritas até três ou quatro vezes em função da complexidade do tema – por reescrever, compreenda-se, inclusive, realizar novas etapas de apuração para validar ou obter dados complementares. Nenhuma reportagem foi encaminhada, antes da publicação, para as fontes. No entanto, tão logo publicadas, o link era enviado aos entrevistados e havia o compromisso de proceder alterações caso fossem detectados erros ou imprecisões. Em não mais do que cinco textos foi necessário efetuar correções mais substantivas, a pedido dos pesquisadores. Como as alterações foram feitas com agilidade, avaliamos que não causaram prejuízos à divulgação das pesquisas.

Todo este processo foi avaliado, em julho de 2015, por três bolsistas que estão no projeto desde o início. Às estudantes foi solicitado que respondessem à pergunta “Em uma escala de 0 a 5, qual o conhecimento de jornalismo científico que você tinha quando começou o estágio?”. As respostas foram 0, 2 e 1. Na sequência foi indagado: “Em uma escala de 0 a 5, qual o conhecimento de jornalismo científico que você tem hoje?”. Todas responderam 4. Ao avaliarem a experiência do estágio e suas consequências para a carreira futura, respondendo às perguntas “Você tinha interesse em trabalhar com jornalismo científico antes desta experiência? Explique”; “Você pretende atuar nesta área no futuro? Por quê?” e “Você acha que a experiência do estágio foi importante para sua carreira? Por quê?”, as

bolsistas demonstraram satisfação. De acordo com uma delas, a atividade “fez com que perdesse o medo de aumentar meu conhecimento em outras áreas (...) tinha medo de não entender/me interessar por temas da saúde ou das exatas, o que se mostrou algo bem interessante e ao meu alcance. (...) Também achei muito interessante o contato com diversos pesquisadores, receber o retorno deles mostrou que eu estava no caminho certo e trouxe uma confiança a mais, além de criar uma relação com fontes novas.”. Outra destacou que “se surgir oportunidade é uma das áreas que mais tenho interesse em trabalhar porque gosto de aprender sobre diferentes campos de conhecimento e isto é muito importante para o jornalismo científico. Além disso, gosto muito de ler sobre inovações, pesquisas e estudos importantes que tenham impacto na vida do leitor. (...) Também acho que a experiência no jornalismo científico foi algo essencial para minha formação.”. A bolsista 3 escreveu que “Achava interessante a ideia de poder escrever sobre pesquisas e “descobertas” sobre qualquer área, mas como conhecia muito pouco sobre como era feito e nunca tinha ouvido falar do termo “jornalismo científico”, não tinha interesse por trabalhar na área (já que não tinha conhecimento sobre) (...) A ideia de poder estudar de tudo um pouco e conhecer um mundo pra além do regular do dia a dia me é muito atraente até hoje. Gosto de estudar de tudo um pouco e o Jornalismo Científico te obriga a isso. Acho interessantíssimo!”

Acreditamos que estas respostas demonstram que o contato com o jornalismo científico pode ajudar a estimular a opção por esta área de atuação no futuro, ainda que sejam evidentes as dificuldades inerentes ao campo. Em parte, acreditamos que esta avaliação positiva também se deva ao fato das estudantes terem observado durante o trabalho o impacto positivo do que produziram, especialmente a partir de 2015, quando algumas das reportagens por elas publicadas tiveram repercussão nas redes sociais da Universidade e mereceram destaque também na imprensa local, tanto em jornais impressos e sites, quanto em programas de televisão como o Jornal do Almoço e o Bom Dia SC, ambos produtos da RBS TV, afiliada da Globo no estado, como veremos com maior profundidade no próximo tópico.

Repercussão nas redes sociais

A partir do segundo semestre de 2014, a linguagem adotada nas redes sociais da UFSC começou a ser modificada, visando torná-la mais próxima do seu público-alvo. No Facebook, o número de seguidores da página oficial da Universidade cresce continuamente – em outubro de 2014 eram cerca de 25 mil seguidores, chegando a mais de 44 mil no início de julho de 2015. Como consequência, as reportagens sobre temas de ciência, tecnologia e inovação também passaram a ser mais curtidas e compartilhadas, ampliando o seu alcance junto a públicos distintos. De acordo com dados do próprio Facebook, entre os que curtem a página da instituição, 62% são mulheres; 50% do público tem idade entre 18 e 24 anos e 24% entre 25 e 34 anos. Ressalte-se que a comunidade universitária é formada, atualmente, por mais de 50 mil pessoas entre técnicos, professores e estudantes que atuam em cinco campi.

De acordo com a mais recente pesquisa sobre Percepção Pública da Ciência, já citada, “o uso da internet e das redes sociais como fonte de informação sobre C&T dobrou entre 2006 e 2015 (de 23% para 48%)” (2015:7) . De acordo com o relatório da pesquisa, “sua utilização [da internet] com muita frequência (18%) já se aproxima da TV. Previsivelmente, tal uso é muito maior entre os jovens. Muitas pessoas declaram utilizar, como fonte para acessar informação de C&T na internet, sites de instituições de pesquisa, seguidos de sites de jornais e revistas, Facebook, Wikipedia e blogs” (2015:7). Portanto, a opção por valorizar as redes sociais e a internet é estratégica, em especial quando se pretende ampliar o alcance dos produtos da área de jornalismo científico.

Como não cabe neste artigo fazer uma análise mais aprofundada sobre os porquês e as consequências do crescimento da presença da UFSC no Facebook, em um sentido amplo, optamos por destacar as reportagens publicadas em 2015, como resultado do projeto conjunto, a fim de demonstrar o alcance da iniciativa.

A reportagem “Aumento no consumo de bebidas açucaradas pode estar associado a “bullying” em meninos” teve pouca repercussão no Facebook, se comparada àquelas produzidas pelo projeto que foram publicadas nos meses subsequentes. O alcance foi de cerca de 5,9 mil pessoas, de acordo com dados da própria rede social, entre maio e julho de 2015. “TCC de aluna da UFSC ganha prêmio do Instituto Pan-Americano de Engenharia Naval” foi a que atingiu o maior número de pessoas – cerca de 69,8 mil, obtendo 2.945

curtidas, comentários e compartilhamentos. Em seguida vieram “Pesquisadora da UFSC desenvolve pão sem glúten” (46,8 mil pessoas alcançadas); Pesquisa estuda dano à saúde por contato com células monetárias com presença de cocaína (46,6 mil) e Filmes legendados contribuem para melhora em desempenho de leitura (8,1 mil), publicada já quando o semestre letivo se aproximava do seu término.

Estes números precisam ser melhor analisados, inclusive com cautela, mas em uma perspectiva preliminar parecem indicar que o objetivo de disseminar informações sobre pesquisas desenvolvidas na UFSC está sendo alcançado. Ainda não foi feita uma análise qualitativa destes dados, mas chama-nos a atenção este envolvimento crescente em um ambiente no qual muitas informações estão em disputa ao mesmo tempo – algo característico das redes sociais. No caso do texto sobre o TCC, por exemplo, os números superam os das próprias curtidas na página da instituição (cerca de 47 mil em 22 de julho de 2015), mas, na imprensa tradicional, a repercussão foi tímida, com destaque para notas em colunas de jornais impressos. Já a reportagem sobre filmes legendados teve um alcance menor nas redes, mas mereceu cerca de quatro minutos em um telejornal que entrevistou ao vivo as pesquisadoras responsáveis pelo trabalho. A reportagem sobre a presença de cocaína nas cédulas de Real também foi destaque na imprensa local tanto em veículos impressos quanto em telejornais. Estamos avaliando os porquês destas preferências, analisando inclusive sob a perspectiva dos critérios de noticiabilidade, mas percebe-se que há uma série de variáveis a serem consideradas para entender estes números. Preliminarmente o que se pode inferir é que eles demonstram o potencial das redes e indicam que estas devem continuar sendo consideradas nas estratégias adotadas para alcançar públicos diversificados.

Conclusões

A formação de profissionais especializados em jornalismo científico é, há décadas, uma preocupação de quem atua nesta área. Em 2001, Graça Caldas e Fabíola Oliveira apresentaram, em nome da Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC), a proposta de um “Programa Nacional de Formação de Recursos Humanos em Jornalismo Científico” com os objetivos de elaborar “metodologia e padrões mínimos de qualidade para a formação de recursos humanos com visão crítica e universal sobre a área de Ciência e Tecnologia” e “melhorar os cursos existentes e fomentar a criação de novos em diferentes

regiões do país para garantir a divulgação da produção científica nacional”. Ainda em 1982, Marques de Melo defendia que “a motivação dos jovens jornalistas pela ciência deve ocorrer na tomada de consciência sobre a democratização do conhecimento, tarefa prioritária de um novo jornalismo que se pretende agente transformador da sociedade” (Melo, 1982:4).

Por outro lado, instituições como as universidades são constantemente instadas a ampliar a presença da cobertura de ciência, tecnologia e inovação em seus produtos de comunicação, em função, sobretudo, do papel social que devem desempenhar. Em trabalho publicado em 2013, Aguiar destaca, a partir de pesquisas realizadas tomando como objeto universidades públicas e fundações de amparo localizadas no Nordeste, a carência de políticas de comunicação institucional que priorizem demandas de divulgação científica.

Apesar disto, é importante destacar que, ao longo das últimas décadas, as universidades têm se empenhado – de uma maneira geral – para ampliar a produção de conteúdos voltados para divulgação e jornalismo científico, inclusive com a criação de veículos especializados a exemplo da revista Darcy, na Universidade de Brasília (UnB), e da revista A3, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), apenas para citar alguns recentes.

A proposta do projeto conjunto de Divulgação Científica aqui analisado é contribuir com estas frentes tanto em uma perspectiva de ação, como de reflexão sobre os métodos empregados – a iniciativa prevê, ainda, um levantamento das ações de divulgação científica já em vigor na Universidade e a oferta de oficinas sobre divulgação científica voltadas prioritariamente para pesquisadores em formação.

Desde que foi criado, o projeto tem contribuído para provocar reflexões sobre a prática e a importância do jornalismo científico – inclusive como campo de estágio específico, aqui entendido como um espaço que em nenhuma hipótese pode substituir disciplinas oferecidas pela graduação, mas que deve ser um “instrumento para complementar a formação profissional” como estabelece a proposta conjunta sobre a matéria apresentada em maio de 2015 pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) e pelo Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ). O mesmo documento destaca que o estágio “precisa

construir-se e assim justificar-se como útil e enriquecedor da formação acadêmica do estudante de Jornalismo”.

Observamos também que o projeto tem ajudado a dar maior visibilidade a algumas das atividades desenvolvidas por pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina não só através de produtos próprios como sites e boletins informativos, mas também a partir das repercussões alcançadas em redes sociais e veículos tradicionais da imprensa local.

Os *dead lines* estendidos pouco comuns na rotina dos jornalistas profissionais – alguns textos levaram mais de 45 dias para serem publicados contando o período de produção da pauta, revisões e versão final – pode ser um dos fatores que explicam a baixa necessidade de proceder ajustes pós-publicação e a própria qualidade alcançada e suas repercussões junto a diferentes públicos, mas também aponta para os desafios desta prática. Jornalismo científico requer tempo e formação qualificada. No que tange ao fator tempo, sabemos que com as redações cada vez menores, este item encontra-se cada vez mais escasso. Por seu turno, a formação especializada, reafirmamos, ainda não está disseminada em cursos de graduação e pós-graduação, apesar dos muitos esforços empreendidos para mudar esta realidade.

Neste sentido, parece-nos adequado as instituições – em especial as universidades públicas– congregarem esforços para que se consolidem como espaço de apoio e incentivo às atividades de divulgação científica e jornalismo científico, afinal elas não são premidas pelas mesmas exigências e contradições que permeiam o espaço da chamada grande mídia. Deste modo, podem ajudar a dar maior visibilidade às atividades de pesquisa, provocar debates públicos qualificados e agendar pautas de ciência, tornando-as mais acessíveis para diferentes segmentos da população. A demanda por este tipo de informação existe, como já apontam os levantamentos sobre Percepção Pública da Ciência realizados no Brasil, mas é preciso que diferentes atores assumam o protagonismo de buscar atendê-la.

É claro que neste ainda curto período de duração do projeto⁸ alguns desafios continuam prementes, o principal deles ampliar as pautas de forma a atingir áreas que não recebem a atenção dos veículos de comunicação e que, portanto, permanecem pouco conhecidas. O

⁸ Embora tenha começado em 2014, deve-se destacar que as atividades foram suspensas no período do recesso, entre dezembro de 2014 e março de 2015.

que se observa é que existe uma cultura consolidada na qual se sustentam crenças veladas como a de que ciência “interessante” ocorre em algumas áreas específicas em detrimento de outras e isto acaba impedindo a compreensão de certos campos como espaços igualmente legítimos de produção científica. A expectativa da *aplicação* é outra que conduz, indiretamente, a opção por certas pautas. As barreiras quanto a campos mais conceituais ou à pesquisa básica já se apresentam no início do processo de busca e produção de pautas e isto é um fator importante para se pensar em estratégias futuras que possam ajudar a superar tais dificuldades dando, a partir da cobertura jornalística, uma dimensão mais próxima da pluralidade de temas e áreas que compõem o espectro da produção científica nacional.

Compreender o público é outro desafio. O que o motiva a acessar mais uma reportagem do que outra ? O que o leva a compartilhar certas notícias ? Que elementos têm maior impacto nesta tomada de decisão ? Ao longo do primeiro semestre de 2015, monitorando as redes sociais, já conseguimos destacar alguns fatores. Um deles é a curiosidade – a matéria sobre a presença da cocaína foi postada no Facebook, inclusive, com um referênciã bem humorado (o status “ouvindo Cocaine, de Eric Clapton”) para atrair os jovens, mas ressalte-se que a reportagem em si foi construída com rigor, sem dar margem a sensacionalismo. Porém, ainda temos muitas indagações não satisfatoriamente respondidas sobre o comportamento e as motivações do público que nos segue nas redes sociais, pois este estudo ainda está em seu início e precisa, com certeza, ser melhor aprofundado.

Outro aspecto que também precisa ser aperfeiçoado é o uso de recursos multimídia na produção das reportagens. No conjunto de textos publicados, há ainda baixa presença de vídeos e infografias, por exemplo. Concordamos com Calvo Hernando (1997:35), mais uma vez, quando este defende que “la representación visual mediante gráficos, mapas, planos, esquemas, etc, es un passo adelante en la búsqueda de calidad informativa, especialmente cuando se trata de temas científicos”. Por seu turno, toda nossa experiência em pesquisas envolvendo infografia e jornalismo científico demonstra que este formato é fundamental para dar maior clareza e profundidade às coberturas de temas nas áreas de CT&I. Até aqui, a maior dificuldade para a produção de reportagens com recursos diversificados é a necessidade de uma equipe multidisciplinar e o próprio processo de orientação em curso no qual optou-se, inicialmente, pela ênfase em aspectos relativos às peculiaridades da redação de reportagens em jornalismo científico, ainda que discussões sobre infografia tenham sido

realizadas em pelo menos dois momentos distintos. Sabemos que o uso de infografia pressupõe não apenas os conhecimentos conceituais e técnicos relativos tanto a Jornalismo como a Design da Informação. É preciso compreender este formato a partir de uma perspectiva que possibilite o exercício do “pensar infograficamente” (TEIXEIRA, 2010), a fim de decidir com segurança quando, onde e porque usar infográficos e como articulá-los com reportagens textuais, vídeos, fotografias, etc, permitindo a integração entre linguagens voltada para a melhor compreensão dos temas em tela.

Compreendemos que o aperfeiçoamento de práticas, a defesa da formação especializada e da presença cada vez maior da ciência, tecnologia e inovação em produtos e processos de divulgação e jornalismo científico que possam possibilitar uma leitura crítica dos avanços e dos problemas neste campo é, em boa medida, a defesa da cidadania como já preconizaram diversos autores (Bortoliero, 2009; Oliveira, 2007; Moreira, 2006; Caldas, 2011 e 2013). Acreditamos que a universidade é um elo fundamental para que se avance tanto na formação como na visibilidade – inclusive crítica – de questões relacionados ao desenvolvimento científico e tecnológico do país, em diferentes campos de conhecimento. O público, cada vez mais interessado nesta área, com certeza será o maior beneficiado, no longo prazo, pelo desenvolvimento de ações desta natureza.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Sônia. “Jornalismo hipermídia na divulgação científica: experiências e lacunas nos sites de universidades públicas e fundações de apoio à pesquisa”. In: PORTO, C. e BORTOLIERO, S. (org.). **Jornalismo, Ciência e Educação**. Salvador: Edefba, 2013, pp. 129-144.

ALSINA, Miquel. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BORTOLIERO, Simone. “O papel das universidades na promoção da cultura científica: formando jornalistas científicos e divulgadores da ciência”. In: PORTO, Cristiane (org.). **Difusão e cultura científica: alguns recortes**. Salvador: Edefba, 2009, pp. 45-73.

BRANDÃO, Elisabeth. “Conceito de Comunicação Pública”. In: DUARTE, Jorge (org.) **Comunicação Pública – Estado, Mercado, Sociedade e Interesse Público**. 3ª. edição. São Paulo: Atlas, 2012, pp. 1-33.

BURKETT, Warren. **Jornalismo Científico**. Rio de Janeiro: Forense Univesitária, 1990.

BUENO, Wilson. “Jornalismo Científico: revisitando o conceito”. In: VICTOR, Cilene, CALDAS, Graça e BORTOLIERO, Simone (orgs). **Jornalismo Científico e Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: All Print Editora, 2009, pp. 157-178.

CALDAS, Graça. “Jornalismo científico: o uso do conhecimento para o exercício da cidadania”. In: PORTO, C. e BORTOLIERO, S. (org.) **Jornalismo, Ciência e Educação**. Salvador: Edufba, 2013, pp. 117-128.

CALDAS, Graça. “Mídia e políticas públicas para a comunicação da ciência”. In: PORTO, C., BROTAS, A. e BORTOLIERO, S. **Diálogos entre ciência e divulgação científica**. Salvador: Edufba, 2011, pp. 19-36.

CALDAS, Graça e OLIVEIRA, Fabíola de. “Programa Nacional de Formação de Recursos Humanos em Jornalismo Científico”. São Paulo: ABJC, 2001 (mimeo)

HERNANDO, Manuel Calvo. **Manual de Periodismo Científico**. Barcelona: Bosch, 1997.

LOTH, Moacir. “Uma breve contribuição ao jornalismo científico”. Florianópolis: artigo não publicado, 2008.

MELO, José Marques. “O jornalismo científico na universidade brasileira – anotações de um observador participante – contribuição ao 4º. Congresso Iberoamericano de Jornalismo Científico e ao 1º. Congresso Brasileiro de Jornalismo Científico”. São Bernardo do Campo: 1982 (mimeo).

MOREIRA, Ildeu. *A Inclusão Social e a Popularização da Ciência e da Tecnologia no Brasil*. IN: **Revista Inclusão Social**, Vol.1, No.2(2006). Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/view/29/50> . Acessado em: 10 de setembro de 2014.

OLIVEIRA, Fabíola. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2007.

Orientações Gerais para a Construção de Regulamentos de Estágio Curricular Supervisionado em Jornalismo – Proposta conjunta do FNPJ e FENAJ. Brasília, maio de 2015. Disponível em: [https://docs.google.com/viewer?url=http://www.fnpj.org.br/dados/anexo/estagio-curricular-jornalismo-proposta-conjuntafnpjfenaj21\[80\].pdf](https://docs.google.com/viewer?url=http://www.fnpj.org.br/dados/anexo/estagio-curricular-jornalismo-proposta-conjuntafnpjfenaj21[80].pdf) . Acessado em: 20 de junho de 2015.

Percepção pública da ciência e tecnologia 2015 - Ciência e tecnologia no olhar dos brasileiros. Sumário executivo. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2015. Disponível em <http://percepcaocti.cgee.org.br/wp-content/themes/cgee/files/sumario.pdf> . Acessado em: 15 de julho de 2015.

TEIXEIRA, Tattiana. **Infografia e Jornalismo**. Salvador: Edufba, 2010.